

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA ATLETA E DOS ESPORTES SOB O OLHAR LESBIANO

Patrícia LESSA, Universidade Estadual De Maringá / UEM ¹
Tais Akemi Dellai OSHITA

Resumo: O fenômeno desportivo é um frutífero campo para o estudo da corporeidade feminina, muitas práticas foram e ainda são interdadas às mulheres. A crença na vulnerabilidade biológica e na fragilidade inata deixou as mulheres de fora de muitos eventos desportivos. Fragilidade, vulnerabilidade e passividade são características totalmente desfavoráveis à exigência da performance atlética. O olhar lesbiano para o fenômeno esportivo é muitas vezes um olhar crítico e embasado na perspectiva feminista, sua visão política busca o empoderamento e visibilidade das mulheres e em especial das lesbianas. Nosso trabalho analisa a construção dos corpos das atletas na ótica lesbiana, as representações que lhes conferem materialidade. Para tal, utilizo como fontes as revistas: 'Um Outro Olhar', 'Las Amantes de la Luna' e 'Les Voz'. Para extrair os sentidos presentes nos textos utilizo as ferramentas metodológicas da análise do discurso, dentro da ótica que pretende explorar o dito nos textos e imagens. As teorias das representações sociais fazem parte de meu instrumental teórico. As teorizações feministas são o eixo em torno da qual gravita meu objeto de estudo e as questões que problematizam meu enfoque, sejam elas: a identidade, o corpo e a sexualidade.

Palavras-Chave: Estudos Feministas, Mulheres Atletas, Revistas Lesbianas, Representações Sociais.

THE SOCIAL REPRESENTATION OF THE WOMEN ATHLETE AND OF SPORTS FROM A LESBIAN PERSPECTIVE

Abstract: The sports phenomenon constitutes a fruitful field to study woman's corporeity, since women have long been barred from many practices. The belief on biological vulnerability and innate fragility has excluded women from many sportive events. Fragility, vulnerability and passivity are completely unfavorable characteristics to the athletic performance requirements. The lesbian view to the sport phenomenon represents mostly a critical and dim view from a feminist perspective. Its political perception seeks the empowerment and the visibility of women, particularly the lesbians. Our work aims to analyze the construction of the feminine athletes' bodies from a lesbian view, as well as the representations which confer their materiality. The magazines used as research sources are *Um outro olhar*, *Las amantes de la Luna* and *Les voz*. In order to grasp the meanings from the texts, the methodological tools from discourse analysis were used, from a perspective which accounts for both verbal and images. The theories of social representation constitute the theoretical apparatus. The feminine theories are the axis around which gravitates the object of scrutiny and the issues under study, which are: identity, the body and sexuality.

Key words: Feminist studies, Athlete women, Lesbian magazines, Social representations.

INTRODUÇÃO

O fenômeno social do esporte competitivo é foco do olhar midiático e da imprensa em geral, em praticamente todos os jornais existe um caderno de notícias destinado aos esportes.

¹ LESSA, Patrícia. DOCENTE DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ/UEM – DOUTORANDA EM ESTUDOS FEMINISTAS NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA/UnB.

OSHITA, Tais Akemi Dellai. ESPECIALISTA EM TREINAMENTO DESPORTIVO PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ/UEM.

E-MAIL: mafalda_cat@yahoo.com.br

Porém, as páginas dos jornais ainda são dominadas, em ampla medida, por matérias que divulgam as práticas desportivas masculinas, dificilmente encontramos notícias sobre as atletas mulheres, mesmo sobre o futebol feminino, já que o futebol é tido como ‘paixão nacional’ (SILVA; COSTA; SALLES; 1997). Para as mulheres atletas é reservado o exibicionismo de seus corpos torneados ou mesmo a especulação da vida pessoal (GOELLNER, 2004), ficando em segundo plano a sua performance. A feminilidade entendida como uma construção social que separa o mundo em dois gêneros serve para hierarquizar e demarcar fronteiras entre mulheres e homens.

Lauretis (1994) nos oferece o exemplo dos formulários onde somos obrigadas a nos definirmos como feminino ou masculino e pergunta: “isto não é o mesmo que dizer que a letra F assinalada no formulário grudou em nós como um vestido de seda molhado?” (Lauretis, 1994, p. 120). Como se o vestido em todas épocas e culturas fosse a marca do feminino e como se o feminino tivesse um caráter único e imutável. Trabalhamos com as categorias corpo, sexualidade e identidade pensando-as a partir de pressupostos feministas que questionam a naturalização dos mesmos, e, além disso, mostram o caráter construído das mulheres ou das lesbianas e a historicidade dessa construção. Lauretis (1994) e Haraway (1994) afirmam que ‘a mulher’, no singular foi uma criação histórica, uma construção social para dividir o mundo em dois pólos opostos e hierarquicamente definidos, por isso, a idéia de feminilidade define uma noção de ‘mulher’ a-histórica, marcada e definida segundo sua sexualidade. O corpo é histórico. Quando o corpo começa a carregar o fardo da identidade fixa, se fixa ali uma imagem cristalizada no tempo e no espaço, cria-se uma representação social. A representação da mulher frágil e submissa serviu como forma de dominação patriarcal e como contrapartida da fragilidade criou-se a representação da mulher virilizada, máscula e, portanto, lésbica. A grande imprensa é responsável, em parte, pela veiculação dessas representações de feminino.

As revistas lesbianas atentas ao fenômeno desportivo voltam os seus olhares sobre as práticas desportivas, porém não podem ser comparadas à grande imprensa, em primeiro lugar porque seu público é mais restrito, são revistas dirigidas às lesbianas, e, em segundo lugar é que sua função é de denúncia e crítica e sociedade heterossexista e misógina. Imagina-se que existe uma preocupação política em defesa das lesbianas.

Como estratégia metodológica em minha análise selecionei aleatoriamente quatro matérias sobre atletas lesbianas e sobre as práticas esportivas por mulheres. As matérias selecionadas podem ser divididas segundo os seguintes aspectos: a reação da mídia e da imprensa, lesbianas assumidas publicamente e as barreiras sociais para práticas desportivas consideradas como masculinas. Foram selecionadas as seguintes matérias: ‘*Lesbianas y gays asumidos(as) ganan medallas olímpicas*’ (2004), ‘*Medalla de oro*’ (2000), ‘*Mauresmo: a grande sacada*’ (2000), ‘*WenDo: o caminho das mulheres*’ (1999). Os dois primeiros textos foram publicados em Revistas Lesbianas editadas no México, respectivamente as revistas ‘*Les Voz*’ e ‘*Las amantes de La Luna*’, e, as duas últimas foram veiculadas por uma revista lesbiana publicada em São Paulo, intitulada ‘Um Outro Olhar’.

As representações que as revistas lesbianas constroem sobre o papel que as atletas lesbianas desempenham na atualidade irão depender da forma como integram seus conhecimentos a esse respeito, das informações, das crenças, das imagens e das opiniões circundantes no cotidiano, bem como suas experiências e valores que irão refletir certos aspectos do real, enfatizando que existe nas revistas citadas uma produção de representações e auto-representações por tratar-se do olhar lesbiano dirigido para atletas lesbianas. A auto-representação inclui a representação social, porque as lesbianas também repetem e reproduzem o que o universo social quer, permite ou suporta ouvir, ou seja, está inserida nas condições de produção de seu tempo e espaço. Embora não se reduza a isso, é também um

locus de resistência à uniformidade e à heterossexualidade compulsória atrelada à maternidade.

Essas representações e auto-representações instituem o mundo em valores segundo suas condições de produção e são consideradas formas de construção social da realidade. As representações sociais, segundo Jodelet (2001, p.22), “(...) enquanto sistemas de representação que regem nossa relação com o mundo e com os outros – orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais”. A comunicação que se dá através dos materiais impressos e falados indicam as matrizes de inteligibilidade do discurso social que podem ser apreendidas através da análise do discurso. As matérias abordadas pela análise do discurso destacam as superfícies discursivas, através de trechos e detalhes textuais da documentação, bem como a busca das matrizes e redes discursivas, que são as palavras ou grupos de palavras e frases expondo os valores e a expressão do real. A análise do discurso nos permite dar sentido às diferentes práticas e discursos, buscando indícios do real, presentes na atualidade através da mediação dos discursos impressos nos materiais citados. Sua importância não se resume a uma investigação das superfícies lingüísticas ou dos aspectos semânticos, mas sim a processos de apreciação denominados “condições de produção” (ORLANDI, 2003). As práticas discursivas remetem a momentos de ressignificação, aos usos ativos da linguagem, de produção de sentidos, são definidas como: “linguagem em ação, isto é, maneiras a partir das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas” (SPINK, 2000, p.45).

MULHERES, CORPO E ESPORTES NA PERSPECTIVA FEMINISTA.

A construção da feminilidade esculpida na imagem da mulher submissa, frágil, passiva, que se embeleza para atrair os homens, foi amplamente trabalhada pelos aparelhos: médico, jurídico e psiquiátrico e com o apoio do discurso científico. As teorias dos esportes, por longo tempo, buscaram seus fundamentos nas teses da ‘naturalização’ da fêmea como ser exclusivamente procriador para elaborar seus programas de treinamento e exercício físico para mulheres, utilizando-se da biologia e da medicina desportiva, que exigia moderação (GOELLNER, 2004). Sob o pretexto de preservar a saúde das mulheres utilizava-se da instituição discursiva da ‘natureza específica’, localizando no corpo as causas de uma interdição.

Aprisionadas ao seu corpo as mulheres fazem suas primeiras aparições reconhecidas publicamente. O histórico das Olimpíadas é um bom exemplo para visualizarmos os entraves à participação feminina nos esportes. Na primeira Olimpíada da era moderna realizada em Atenas, em 1896, foi proibida a participação feminina. A segunda, em Paris, contou com 11 mulheres participando das modalidades de golfe e tênis. Na terceira, em St. Louis, em 1904, o número caiu para 6 participantes. As primeiras Olimpíadas foram tão restritivas as mulheres que, em 1922, foram criados os Jogos da Primavera no qual participaram sete países na primeira edição; oito países em 1926, na Suécia; dezessete países em 1930, em Praga e, dezenove países em 1934, em Londres (MOURÃO, 2005; DEVIDE, 2005). Esses jogos eram vistos como uma espécie de Olimpíadas Femininas: “assumindo crescente importância e popularidade, essa atividade paralela começou a fazer certa sombra aos próprios jogos olímpicos” (SOARES, 1988).

Ao fazer um paralelo entre a participação feminina da década de 20 e a atual é possível constatar algumas questões: nos primeiros jogos as mulheres eram gordas e com a musculatura pouco desenvolvida; com o decorrer do tempo alguns recordes foram aproximando as marcas femininas e masculinas, como por exemplo, nas provas de 100m e

200m na corrida (PEGORIM, 2004). Podemos constatar mudanças significativas no modelo de corpo adotado em cada época. Nos anos 70 a Alemanha saiu na frente em campeonatos internacionais femininos de natação e atletismo, principalmente, pois, sua novidade positiva foi a inserção da muscula o no treinamento das atletas e a novidade negativa foi o uso indiscriminado de anabolizantes (DEVIDE; VOTRE, 2005). O corpo não se fixa, ele   móvel e transitório podendo ou não estar   mercê da moda e dos modelos prontos ou podendo causar rupturas drásticas, como   o exemplo do corpo feminino hipertrofiado ao máximo, que até meados do século XX era condenado às mulheres e fundamentado na medicina desportiva (GOMES, 1958).

Mas por que tanta falta de investimentos nas práticas desportivas femininas? Existe uma tradi o de controle sobre o corpo e o comportamento das mulheres, de um imaginário coletivo no qual a passividade, o sacrifício, a submissão e a maternidade seriam dons privilegiados das mulheres, dons esses que não combinam com a performance exigida pelas práticas esportivas. A matriz de sentido que define o tipo de atividade que as mulheres poderão realizar se d  em função de um conjunto articulado de saberes biomédicos que cria o local da maternidade como o objetivo central na vida de qualquer mulher e, além disso, cria o estigma da fragilidade inata e da vulnerabilidade anat mica, decorrentes da sua capacidade de procriar (LESSA; OSHITA, 2005).

A perspectiva de análise feminista ou a epistemologia feminista (HARAWAY, 1994) tematiza a desconstru o do natural e do biológico. A constru o da feminilidade   histórica, ou seja,   uma constru o social que divide o mundo em dois sexos, mulheres e homens, sendo as primeiras frágeis e dóceis e os segundos fortes e dominadores, segundo Pfister (1997 p. 92-93):

Excluir as mulheres de sua própria história  , em muitos aspectos, um instrumento de discrimina o. Neste sentido, a nega o coletiva da história das mulheres e sua cultura física constituem discrimina o, desde que a impressão que se passa   de que as mulheres – por natureza – são seres que não participam da história e cujas condi oes de vida nunca mudam. As mulheres são, dessa forma, privadas de qualquer possibilidade de identifica o, o que dificulta a forma o e a manuten o de uma identidade individual e coletiva. Essa afirmativa   especialmente verdadeira na história do esporte, em que ídolos masculinos predominam.

A participa o feminina nos esportes   cheia de proibi oes e empecilhos, mas também, de resistências e lutas ao longo da História. Em diferentes épocas e culturas encontramos indícios de práticas desportivas e de treinamento de lutas armadas realizadas por mulheres, como por exemplo, na Antiguidade, em Esparta essas práticas eram constantes, porém não podemos dizer o mesmo de Atenas onde os esportes eram práticas masculinas. Paul Foucart, cita os jogos de HALO , uma espécie de Olimpíadas onde somente as mulheres participavam (NAVARRO-SWAIN, 2000). Algumas das primeiras Escolas de Educa o Física excluíam a participa o das mulheres com o argumento da fragilidade e vulnerabilidade bio-fisiológica.

A primeira Escola de Educa o Física era um espaço exclusivamente masculino aqui no Brasil. Enquanto isso, as escolas alemãs de Educa o Física para Mulheres, em 1930, tinham o seguinte lema: “uma garota para cada esporte e um esporte para cada garota”, elas já brigavam com as americanas que pregavam o jogo pelo jogo (PFISTER, 1997). Do outro lado do mundo, no Japão, em 1926 já se realizava a primeira Conferência da Kodokan (primeiro dojô, ginásio para prática de jud  inaugurado em 1882) de Jud  Feminino. E muito antes disso, as mulheres das famílias de samurais estudavam o Nagitana (luta com espada) e o Kyudo (arco e flecha), bem como mulheres que se desenvolveram na tradi o do Jujitsu (no

popular Jiu Jitsu). Podemos ainda, tomar como exemplo, Rusty Kanokogi, pioneira no judô feminino, cujo esforço se deve o primeiro campeonato Mundial de Judô para mulheres em Nova York, em 1980. Sua história marca as dificuldades pelas quais muitas mulheres atletas tiveram que superar. Em 1955, a muito custo, ela conseguiu entrar no dojô local e teve que treinar com 40 homens, muitos dos quais caíram no tatame ao enfrentá-la. Ela entrou para a história do judô, dentre os muitos feitos, por participar de campeonatos contra homens e sair vitoriosa. Incansável, Kanokogi processou o Comitê Olímpico do EUA e o USJudô Inc., por excluir as mulheres do *Nacional Sports Festival* em 1981, alegando discriminação sexual (SILVA, 1994). A resistência é a marca maior das atletas, como é o caso do futebol no Brasil.

Apesar do fanatismo nacional pelo futebol perguntamos: quando podemos ter o privilégio de ver uma partida feminina? Somente nos Jogos Olímpicos? O futebol é um ótimo exemplo para emprendermos uma discussão sobre as mulheres nos esportes. Em 1996 o Brasil fez sua estréia Olímpica no Futebol Feminino, o que repercutiu um jogo de *marketing* nada coerente com os atributos exigidos pelo esporte. Alguns clubes “famosos” como Fluminense, Grêmio e Corinthians seguiram as recomendações do projeto de Marketing do Saad (clube de futebol feminino de São Paulo), que dizia que, além de competência técnica é necessário ter beleza para entrar em campo (SILVA; COSTA; SALLES, 1997). Como o conceito de beleza é padronizado, podemos imaginar qual foi o destino das nossas craques negras e todas aquelas que fogem ao padrão estabelecido. Em 2004 o Futebol Feminino comoveu o Brasil ao conquistar arduamente uma medalha de prata nas Olimpíadas de Atenas. Sem um salário digno, sem patrocínio e sem campeonatos nacionais as atletas entraram para a História do Futebol. Uma história que os feminismos nos tem ensinado a ler nas entrelinhas ou nos silêncios (NAVARRO-SWAIN, 2000). Como é o exemplo da pesquisa em andamento sobre a memória urbana da cidade de Pelotas-RS, através da análise do periódico desportivo: “Revista dos Esportes” de 1948-1958, os autores dizem haver “sinais de um certo vanguardismo, como é o caso do futebol feminino”. Segundo os autores:

Um registro que faz alusão ao futebol feminino na cidade encontra-se na Revista dos Esportes (1950, n. 10, p. 12). Essa matéria traz uma fotografia que mostra um grupo de jogadoras do Vila Hilda recebendo uma flâmula das mãos do jornalista Osmar Flores, presidente da Associação de Cronistas Esportivos de Pelotas. O episódio deu-se por ocasião da partida disputada no dia 8 de julho de 1950, no estádio do G. E. Brasil, envolvendo Vila Hilda e o Corinthians (dois times femininos da cidade) (PARDO; RIGO, 2004, p. 34).

A questão é que os argumentos sexistas sempre foram contraditórios, tentaram excluir as mulheres em função de uma suposta fragilidade física, intolerância à dor e pelo dom da procriação, sem pensar que o próprio ato de parir envolve força, coragem e muita dor e sem pensar em uma perspectiva histórica, pois podemos questionar: em outros tempos e culturas as mulheres eram também vinculadas a fragilidade física? Existiram sociedades nas quais os esportes eram fundamentais na cultura feminina? O importante é que as mulheres resistiram, tiveram seus nomes marcados por momentos de grande alegria para quem gosta de esportes. Afinal, quem não lembra do quarteto que arrebou corações: Marta, Paula, Janete e Hortência, que até recebeu o título de rainha do basquete? Em 1994, no Mundial de Basquete da Austrália, nos proporcionaram a alegria de vê-las desfilar em nossas cidades brasileiras carregando no peito suas medalhas de ouro. Hortência, que com muita garra, disciplina e treinamento pesado, permaneceu imune aos jogos da Instituição Desportiva, de domínio, ainda, quase exclusivo masculino, recebendo o título de rainha do basquete, com reconhecimento mundial e com características atléticas únicas (LESSA, 2005). Visibilidade, empoderamento e ações afirmativas são práticas tanto feministas quanto lesbianas que visam

ressemantizar as imagens do feminino no intuito de construir novos paradigmas nos quais as mulheres façam das suas histórias uma nova história.

A REPRESENTAÇÃO DA ATLETA NAS REVISTAS LESBIANAS

A análise das matérias na perspectiva feminista permite detectar o empoderamento como estratégia política das lesbianas no sentido de tentar subverter a ordem dominada pelo masculino. A desconstrução de corpos frágeis e naturalizados é uma temática crucial para os feminismos em suas diferentes perspectivas teóricas. Corpo, sexualidade e identidade são temas quase indissociáveis no pensamento feminista contemporâneo.

A criação de um dispositivo da sexualidade (FOUCAULT, 1993) está vinculada à experiência corporal generizada. Para Butler, o corpo não pode ser visto como uma estrutura passiva onde o gênero se insere, em seus textos irá mostrar as diferenças e aproximações entre o pensamento de Wittig e Beauvoir, na busca construção dos corpos em oposição ao essencialismo e a idéia de continuidade entre corpo, sexo e gênero. Nesta mesma linha de pensamento, Lauretis (1994) diz que o sistema sexo/gênero constrói o sexo como pré-discursivo, sistema constantemente atualizado pela mídia, onde não há questionamento sobre o que se acredita ser a evidencia do sexo ou do gênero. Neste sentido as teorias feministas e suas discussões sobre corpo e sexualidade mostram a reificação do sexo, entendido dentro do quadro de pensamento hetero, partindo da relação hetero para explicar e entender as outras formações, dando maior importância ao sexo-penetração (LAURETIS, 1994).

O sexo torna-se o mais importante, torna-se a pauta do dia desde que encerrado nos limites do inteligível e da normalidade. A heterossexualidade compulsória determina que o padrão de relacionamento é homem e mulher, as relações fora desse padrão são relegadas ao exótico ou mesmo à aberração. Por isso, algumas feministas apontam a heterossexualidade compulsória justamente como sistema que acomoda e hierarquiza as relações de gênero, onde o homem é o modelo para todas as relações, inclusive aquelas na qual ele não está presente, a explicação esta ancorada na sua falta, como o argumento da falta do pênis, da falta de um homem de verdade para por fim as relações lésbicas.

Butler (1999), mostra a historicidade das relações binárias, o sexo torna-se evidente quando encerrado no sistema sexo/gênero. A assimetria nas relações é também histórica. Ou será que todas as sociedades, tempos e culturas imaginaram as mulheres como frágeis e dóceis criaturas? Será que a própria maternidade sempre foi vista como um dom natural que eleva 'a mulher' ao estatuto de 'verdadeira mulher'? Os feminismos irão propor uma mudança radical nestes absolutismos, nesta visão naturalizada de ler o ser humano. Dizendo não ao absolutismo excludente do 'ou...ou', e uma abertura para o 'e'. Por isso, é necessário mudar de perspectiva, sair do quadro binário que repete ao infinito o mesmo modelo. Enquanto a referência é o binário, o par homem-mulher, as questões relacionadas à homossexualidade causam bastante desconforto; quando se fala em lesbiandade isso fica mais claro ainda. As lésbicas estão inseridas no rol das aberrações. 'A Mulher', como oposto complementar do homem, tem sentido quando referendada na relação binária (BUTLER, 1999), por isso Wittig (1992) disse que as lésbicas não são mulheres. Em seu texto intitulado 'Pensamento *Straight*', diz que 'a mulher' tem sentido no quadro de pensamento hetero, em sistemas econômicos heterossexuais, portanto as lésbicas não são mulheres. Já em Beauvoir, o problema da essência fica em suspenso, pois a 'verdadeira mulher' é confrontada com a prostituta e a lesbiana (Navarro-Swain, 2000, 1999; Butler, 1999). É preciso sair do quadro de pensamento binário para pensar as relações lesbianas, como é o exemplo da matéria à seguir.

“WenDo: o caminho das mulheres” (1999) é uma matéria que divulga a prática da autodefesa na perspectiva da professora Trude Menrath, uma alemã que esteve no Brasil justamente para ministrar cursos de autodefesa para mulheres. A Entrevista concedida a Miriam Martinho editora da “Revista Um Outro Olhar” assumiu uma perspectiva feminista à medida que trabalharam com a importância das mulheres ao adquirirem uma postura combatente frente às violências física e moral impostas as mulheres. Segundo Trude Menrath, WenDo significa: o caminho das mulheres já que Wen se traduz em women (mulheres) e Do é uma palavra japonesa que designa caminho. Uma família canadense desenvolveu a prática nos anos 70. Feministas da época “*aprenderam o método e o adequaram à sua perspectiva*” (MARTINHO, 1999, p. 23). A entrevistada ao ser questionada como e porque começou a praticar WenDo respondeu:

Uma amiga foi assassinada em 1977 pelo ex-marido, e isso me causou uma tal dor e me chocou de tal maneira que mudou a minha vida. Desde então passei a dedicar a maior parte de meu trabalho político à luta contra a violência contra a mulher. Em 1980, tive o primeiro treinamento de WenDo, na época um método de auto defesa feminista recém-chegado a Alemanha. O curso me impressionou bastante e decidi continuar treinando com grupo autônomo de mulheres, além de participar de cursos de aperfeiçoamento onde também tive contato com treinadoras dos Estados Unidos. Esse contato me levou a passar 4 meses nos Estados Unidos, em 1985, treinando autodefesa com várias professoras. De volta á Alemanha, comecei a dar cursos de WenDo assessorada por uma professora mais experiente. Após um ano, tive segurança e domínio para lecionar sozinha. Atualmente trabalho com grupos diferentes: mulheres de todas as idades, meninas a partir de 6 anos , mulheres com deficiências físicas e mulheres imigrantes. Os cursos são financiados em parte por instituições governamentais e não-governamentais (MARTINHO, 1999, p. 23).

A matriz de sentido dessa matéria está na apropriação dos esportes pelas teorias e práticas feministas. As práticas desportivas são representadas como fonte de virilidade e masculinidade e são criadas a partir de uma produção discursiva binária que divide o mundo em extremos opostos, no caso dos esportes, a força de um lado e a fragilidade do outro (BUTLER, 1999).

As teóricas feministas em diversos campos do saber apontam à construção do conhecimento como uma produção generizada, ou seja, na hierarquização que se faz entre o masculino e feminino, o feminino além de ser o ‘segundo sexo’ deve ser apreendido de acordo com critérios de saber validados para o masculino (BUTLER, 1999). Assim em alguns esportes como, por exemplo, na musculação também encontramos autores que apontam nessa direção: “A produção de conhecimento nem sempre se utiliza o óbvio como diretriz e assim sendo, durante praticamente toda sua existência disciplinas como Fisiologia do Exercício, Treinamento Desportivo e Musculação têm-se pautado em informações obtidas de indivíduos do sexo masculino” (GUEDES JR, 2003, p.xiii). Para esse autor o paradigma sobre o exercício deve ser modificado, ou seja, adaptado as necessidades femininas.

A matriz de sentido que define o tipo de atividade que as mulheres poderão realizar se dá em função de um conjunto de saberes biomédicos e jurídicos que criaram o local da maternidade como o objetivo central na vida de qualquer mulher e, além disso, criaram o estigma da fragilidade inata e da vulnerabilidade anatômica decorrente da sua capacidade de procriar. Podemos constatar mudanças significativas no modelo de corpo adotado em cada época, como é o exemplo das imagens das atletas participantes das primeiras olimpíadas: eram gordas e com pouca definição muscular (SOARES, 1988; DEVIDE, 2005). Corpos

fortes, torneados e com volume muscular aparente foram definidos como socialmente aceitáveis para os homens, por isso, a inserção das mulheres foi tardia em modalidades como a musculação. A medicina desportiva, até meados de 60, desaconselhava os exercícios com sobrecarga para as mulheres, com o argumento que seu corpo não estava preparado para essas atividades (GOMES, 1958). É no aparato conceitual feminista que alguns autores vem pensando a necessidade de uma mudança paradigmática no sentido de dar conta de novas perspectivas para a corporeidade feminina, pensando-a como forte, com destreza e habilidades impensadas no limiar do século XX (DEVIDE; VOTRE, 2005; PFISTER, 1997; LESSA; OSHITA, 2005).

A matéria intitulada: *'Medalla de oro'* (2000), divulgada na Revista mexicana *'Las Amantes de la Luna'* apresenta a vitória de Soraya Jiménez, 58 kg, medalha de ouro nas Olimpíadas de Sidney (2000) e destaca que a imprensa e os meios de comunicação enfatizaram sua vida privada e sua sexualidade, ou melhor, sua lesbiandade: *"seja qual for à preferência sexo-afetiva"* de Soraya, diz a matéria, o que deve ficar é o esforço pela conquista da meta desportiva da atleta olímpica. Ao falar da ampla cobertura da imprensa, diz:

Não faltou à nota sensacionalista ênfase na vida pessoal. Claro, para uma mulher dedicada ao halterofilismo (que é pouco feminino!). O Heraldo (19-09-2000) destaca que Soraya em sua infância era tratada como machorra por seus vizinhos por que jogava futebol com os meninos (lhes parece conhecida essa história?) e mais ainda quando se dedicou ao levantamento de pesos... Mas, quando se enteraram de sua façanha para o esporte mexicano, quase toda sua colônia colocou bandeiras em suas casas e todo mundo ficou feliz.²

A 'identidade lesbiana' aqui nesta matéria não é uma autorepresentação, Soraya não estava fazendo uma exposição pública de sua sexualidade ou mesmo vida afetiva, o centro da atenção deveria estar voltado para seu feito olímpico, que é a importante vitória e conquista de um primeiro lugar, de uma 'medalha de ouro', estratégia de sentido que fornece o título da matéria. Ao ser dito que ela era 'era tratada como machorra' a matriz de sentido desvia o assunto para a sua vida privada, ao que as lesbianas da revista mexicana *'Las Amantes de la Luna'* ironizam com a pergunta: "lhes parece conhecida essa história?" A halterofilista foi lembrada não por sua conquista olímpica, mas por uma suposta identidade lesbiana. Ora, duas questões devem ser pontuadas: a primeira é com relação ao halterofilismo, que a exemplo do Brasil como vimos anteriormente, foi proibido até meados dos anos 70 para campeonatos femininos, e o segundo diz respeito a construção de um modelo de feminilidade: fraca, impotente e incapaz de realizar atividade que exigem muita força. Soraya, com sua extrema força física vai contra o paradigma, ainda reinante, da fragilidade feminina e na contrapartida do senso comum, ela representa uma ruptura ao modelo normatizado de feminino.

Entre o dizer e ato de silenciar existem implicações que dão sentidos as práticas sociais. As lesbianas nunca ou pouco aparecem nos discursos científicos, como é o caso da história-ciência que, dona da verdade, anula sua existência para traçar um só perfil das relações humanas (NAVARRO-SWAIN, 2000, p. 14). O silêncio promove o apagamento de outros sentidos. Para Orlandi (1993) não se pode estar fora dos sentidos tanto quanto não se

² Tradução livre feita pela autora: *"no falta la nota amarillista que puso énfasis en su vida personal. Claro, como una mujer dedicada a la halterofilia (que poco femenino!). El Heraldo (19-9-2000) destaca que Soraya en su infancia era tratada como 'machorra' por sus vecinos porque jugaba football con los niños (les parece conocida la historia?) y más aún cuando se dedicó al levantamiento de pesas... pero, cuando se enteraron de su hazaña para el deporte mexicano, casi toda la colonia puso banderas en sus casas y todo mundo feliz"* (Medalla de oro, 2000, p. 5).

pode estar fora da história. Quando se proibem certas palavras, proibem-se certos sentidos. Diz:

Se há um apagamento necessário para a constituição do sujeito – e isso constitui sua incompletude – há também um desejo, ou antes, uma injunção à completude (vocaçãõ totalizante do sujeito) que em sua relação com o apagamento, desempenha um papel fundamental no processo de constituição do sujeito (e do sentido) (ORLANDI, 1993, p. 80).

Assim, encontramos muitas reivindicações pelo direito à voz entre algumas militantes de movimentos sociais. Como, por exemplo, a proposta da matéria *‘Lesbianas y gays asumidos (as) ganan medallas olímpicas’* (2004) que é divulgada na revista mexicana *‘Les Voz’*. Ela apresenta uma lista de atletas que assumiram publicamente sua homossexualidade dando ênfase ao aumento do número de gays e lesbianas que assumem sua sexualidade no universo dos esportes. Na lista das Olimpíadas de verão em Atenas, onze participantes eram assumidos (as) e destes, sete eram medalhistas. Entre os onze da lista está a ciclista alemã Judith Arndt, diz a matéria:

Impuseram uma multa de 162 US\$ a Arndt por fazer um gesto de *‘fuck you’* com o dedo maior levantado ao cruzar a linha de chegada. Que logo após declarou estar chateada porque sua amante Petra Rossner, havia sido eliminada da equipe alemã.³

Essa matéria, assim como a próxima, aplaude a iniciativa das atletas em divulgar sua lesbiandade a fim de dar visibilidade e empoderamento às atletas lesbianas. As participações crescentes das mulheres, lesbianas ou não, em esportes tidos como masculinos caracteriza uma resistência ao esporte como área de reserva masculina (VOTRE, DEVIDE, 2005). Mulheres praticantes de esportes como ciclismo, halterofilismo, futebol e lutas de todo gênero carregam o estigma de praticarem ‘esportes masculinos’ como era vigente no Decreto Lei nº 3.199/CND (SILVA, COSTA E SALLES, 1997; VOTRE, DEVIDE, 2005; ROMERO, 1997). No universo dos esportes, como em outras esferas sociais, os avanços são, muitas vezes, intercalados com retrocessos, como é o exemplo das competições femininas de musculação, que depois de um longo tempo de evolução, recebem um boicote: a IFBB divulgou que atletas de todas as categorias “devem reduzir a sua massa muscular em 20% do estágio individual atual” (JORNAL DA MUSCULAÇÃO & FITNESS, 2005), com o argumento de perda da feminilidade. A musculação foi um dos esportes onde houve uma grande resistência à participação feminina, que, muito depois dos homens pode ser inserida em campeonatos como halterofilismo e fisiculturismo, além disso, a utilização da musculação nos programas de treinamento das atletas, também, se deu mais tarde, em função da crença que as mulheres eram incapazes de realizar atividades que exigissem força física. Gianolla (2003, p. 254) fala da musculação:

De alguns anos para cá se tem a impressão de que há uma tendência internacional para desvalorizar a musculação feminina, pelo fato de não atrair tanto o público e patrocinadores. Dizem que o *fitness* foi criado numa tentativa de substituir a musculação feminina, mas, se isso é verdade ou não,

³ *A Arndt le impusieron una multa de US\$162 por hacer el gesto de ‘fuck you’ con el dedo mayor alzado al cruzar la línea de llegada. Luego declaró que estaba molesta porque a su amante, Petra Rossner, la habían eliminado del equipo alemán de carrera en carretera (Lesbianas y gays asumidos(as) ganan medallas olímpicas, 2004, p. 32).*

não sabemos. A imagem da musculação feminina se desgastou, pois as mulheres estão se tornando muito grandes e, socialmente, parece que isso não é bem aceito.

O paradigma da capacidade inata, que atrelou às mulheres fragilidade foi, de certa forma, responsável por criar o estereótipo da mulher masculinizada e lesbiana. Na última das quatro matérias selecionadas para análise, intitulada: ‘Mauresmo: a grande sacada’ (2000), publicada o Brasil pela revista ‘Um Outro Olhar’ fala sobre a tenista francesa Améli Mauresmo, que assumiu publicamente a sua lesbiandade. Em 1999, no Aberto da Austrália ela venceu a então tenista número 1, Lindsay Davenport. Passou de 106ª para 18ª no posto do *ranking* mundial. Em suas aparições na mídia a tenista consegue “Impressionar por seu porte físico musculoso e seu saque potente” (MARTINHO, 2000, p. 19), o que dá sentido de empoderamento, afinal Mauresmo tem um relacionamento com outra mulher assumido diante a imprensa. A tenista francesa consegue reverter e subverter a idéia da atleta masculinizada ao assumir publicamente sua condição homossexual. Como diz Wittig (2002; 1992), as lesbianas estão em uma posição que recusa ser mulher dentro dos padrões estabelecidos pela hierarquia do masculino sobre o feminino.

Falar em lesbiandade é falar em práticas sociais silenciadas na ânsia pela uniformidade e hierarquização dos gêneros, por isso, as teorias feministas apresentam importantes instrumentos de análise, assim como nas práticas desportivas ditas, ainda hoje, um reduto masculino.

O modelo hegemônico de corpo, representado pela divisão sexuada da sociedade, polarizada em masculino e feminino, reflete uma heteronormatividade apontada pela divisão binária do social e tematizada no quadro conceitual da epistemologia feminista contemporânea, que é a matriz dos estudos de gênero e dos estudos das mulheres, criados na década de 80, como estratégia metodológica. As representações de corpo feminino estão ancoradas em modelos de identidade generizados que, nem sempre, são condizentes com os atributos exigidos pelo esporte de rendimento. Existe uma tradição de controle sobre o corpo e o comportamento das mulheres, de um imaginário coletivo no qual a passividade, o sacrifício, a submissão e a maternidade seriam dons privilegiados das mulheres, dons esses que não combinam com a performance exigida pelas práticas de esportes. Embora a história as mulheres atletas demonstre a conquista de um lugar de destaque na instituição desportiva, quando falamos das mulheres praticantes de lutas, de futebol, de fisiculturismo ou de halterofilismo, existe um preconceito ainda hoje.

As revistas lesbianas ‘Um outro Olhar’, ‘Les Voz’ e ‘Las Amantes de la Luna’ não representam a voz oficial da imprensa, são materiais escritos para um público restrito e sua função é possibilitar a visibilidade e o empoderamento das atletas, sejam lesbianas ou não. Mudar o paradigma reinante é tarefa da epistemologia feminista, na qual é possível agarrar a história com as próprias mãos e fazer aparecer às vidas ocultadas pela história oficial. As atletas de todos os cantos do mundo, que tiveram que romper o elo do preconceito e fazer do seu trabalho a escrita de suas existências, estão em vias de revolucionar o universo dos esportes.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do ‘sexo’*. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O Corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

DEVIDE, Fabiano Pries. Gênero e mulheres no esporte: história ds mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos. Ijuí: UNIJUÍ, 2005.

_____; VOTRE, Sebastião. J. Doping e Mulheres nos esportes. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v.27, n.1, p. 123-138, set. 2005.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. 11.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

GIANOLLA, Fábio. Musculação: conceitos básicos. Barueri: São Paulo: Manole, 2003.

GOELLNER, Silvana V. A inominável Sandwina e as obreiras da vida: silêncios e incentivos nas obras inaugurais de Fernando de Azevedo. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas: Autores Associados: CBCE, v. 25, n. 2, p. 71-84, jan. 2004.

GOMES Jr. Guilherme S. Medicina desportiva. Rio de Janeiro: Gráfica Tupy, 1958.

GUEDES JÚNIOR, Dilmar Pinto. Musculação: estética e saúde feminina. São Paulo: Phorte, 2003.

HARAWAY, Donna. Um manifesto para os *cyborgs*: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80. HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

JORNAL DA MUSCULAÇÃO & FITNESS. a. XI, n.58, p.18, mai/jun. 2005.

JODELET, Denise (org.). As Representações sociais. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

LAURETIS, Teresa. A Tecnologia do Gênero. HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LESSA, Patrícia. Mulheres e esportes de força. In: JORNAL DA MUSCULAÇÃO & FITNESS. a. X, n.57, p.60-64, mar/abr. 2005.

_____; OSHITA, Tais Akemi Dellai. El cuerpo femenino en los deportes. In: II CONGRESO INTERNACIONAL DE ARTES, CIENCIAS Y HUMANIDADES, El Cuerpo descifrado, 2005. Anais do Evento. Ciudad del México: 2005. CD-ROM.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Márcia. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas: Autores Associados, v.26, n.2, p. 73-86, jan. 2005.

NAVARRO-SWAIN, Tania. Feminismo e lesbianismo: a identidade em questão. In: Cadernos Pagú, Campinas: UNICAMP, n.12, p.109-120, 1999.

_____. O que é lesbianismo. São Paulo: Brasiliense, 2000.

ORLANDI, Eni. Puccinelli. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. 2. ed., Campinas: ed. UNICAMP, 1993.

_____. Análise do discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2003.

PARDO, Eliane; RIGO, Luiz C. Memórias esportivas: uma história da subjetividade urbana. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas: Autores Associados: CBCE, v. 25, n. 2, p. 21-37, jan. 2004.

PFISTER, Gertrud. A história delas no esporte: rumo a uma perspectiva feminista? In: ROMERO, Elaine (org.). Mulheres em movimento. Vitória: EDUFES, 1997. p. 91-111.

PEGORIM, Eliana. Mulheres mais rápidas que os homens? Estatísticas indicam que em 2156 o índice feminino nos 100 m rasos pode ser menor que o masculino. Disponível em: <http://cienciahoje.uol.com.br/view/1571>, acesso em 23 out. 2004.

ROMERO, Elaine (org). Mulheres em movimento. Vitória: EDUFES, 1997.

SILVA, Gisele P. Histórico da mulher no judô, preconceitos, estereótipos e discriminações. *Revista Motrivivência*, Florianópolis: UFSC, ano V, n. 5/6/7, p. 195-207, dez. 1994.

SILVA, Maria C. P.; COSTA, Marta M.; SALLES, José G. C. A imprensa brasileira e o futebol feminino, discurso produzido e (re)produzido. In: Coletânea do IX Encontro Nacional de Recreação e Lazer. Belo Horizonte: UFMG/EEF/CELAR, 1997, p. 472-481.

SOARES, G. A. D. A mulher nas olimpíadas. In: Ciência Hoje. v. 8, n. 43, p. 34-43, jun. 1988.

SPINK, Mary Jane (org). Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. 2.ed., São Paulo: Cortez, 2000.

WITTIG, Monique. O Pensamento Hetero. 1980. Disponível em: <http://www.geocities.com/girl_ilga/documentos.htm>, Acesso em: abr. 2002.

_____. The Straight Mind: and other essays. Boston: Beacon Press, 1992.

REVISTAS CONSULTADAS

LESBIANAS E GAYS ASUMIDOS(AS) GANAN MEDALLAS OLÍMPICAS. Les Voz. México, v.VIII, n.29, p.32-33, nov./dez., 2004.

MARTINHO, Miriam. Mauresmo: a grande sacada. Revista Um Outro Olhar, São Paulo, a. 14, n. 31, p.19, jan./mar., 2000.

_____. WenDo: o caminho das mulheres, Entrevista com Trude Menrath. Revista Um Outro Olhar, São Paulo, a. 13, n. 30, p.22-23, mar./jun., 1999.

MEDALLA DE ORO. Las Amantes de La Luna. México, n.2, segunda época, p.5, 2000.